

MIGRAÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIOECONÔMICA: INDÍGENAS VENEZUELANOS DE ETNIA WARAO EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE NA PARAÍBA

Sidney Lima de Assis Silva¹

Roberto Vilmar Satur²

Os Warao, situados na Venezuela, são uma das etnias mais antigas da região; seus ancestrais habitam o território desde muito antes da formação da nação venezuelana. Atualmente, os Warao representam a segunda maior etnia indígena daquele país, possuindo sua própria língua, homônima à etnia, além de diferentes níveis de fluência em espanhol. Diante da crise política, econômica e humanitária que abalou a Venezuela nas últimas décadas, muitos venezuelanos, incluindo indígenas de diferentes etnias, começaram a migrar para outros países. Entre eles, alguns Warao foram trazidos para a Paraíba por meio do programa de interiorização do governo federal, que visa integrar refugiados que chegaram inicialmente a Roraima. Este estudo tem como objetivo compreender a situação atual dos Warao refugiados no estado da Paraíba. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, buscando uma análise aprofundada das condições culturais e sociais desse grupo. Para a coleta de dados, foi desenvolvido um questionário *online*, aplicado a migrantes Warao e a profissionais que atuam no apoio a esses refugiados. As entrevistas revelaram dificuldades enfrentadas pelos Waraos na adaptação à vida urbana, que vão além das questões de território e se relacionam também com as diferenças culturais. Embora muitos deles já tivessem vivido em áreas urbanas, sua origem em comunidades rurais voltadas à agricultura e com hábitos de vida tradicionais representa um desafio para sua inserção nesse ambiente.

Palavras-chave: refugiados; indígenas; Warao; Paraíba; migrantes.

MIGRATION AND SOCIOECONOMIC INTEGRATION: VENEZUELAN INDIGENOUS PEOPLE OF WARAO ETHNICITY IN A SITUATION OF VULNERABILITY IN PARAÍBA

The Warao, located in Venezuela, are one of the oldest ethnic groups in the region, with their ancestors inhabiting the territory long before the Venezuelan nation was formed. Today, the Warao represent the second largest indigenous ethnic group in the country, with their own language, homonymous to the ethnic group, as well as varying levels of fluency in Spanish. Faced with the political, economic and humanitarian crisis that has shaken Venezuela in recent decades, many Venezuelans, including indigenous people of different ethnicities, have begun to migrate to other countries. Among them, some Waraos were brought to Paraíba through the federal government's internalization program, which aims to integrate refugees who initially arrived in Roraima. This study aims to understand the current situation of the Warao refugees in the state of Paraíba.

1. Graduando em línguas estrangeiras aplicadas às negociações internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1786-4393>. E-mail: sidney.lima2@academico.ufpb.br.

2. Professor adjunto da UFPB, com graduação em economia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e em administração pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI); especialização em comércio exterior pela Unijuí; mestrado em economia e doutorado em ciência da informação, ambos pela UFPB. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1007-1529>. E-mail: robertosatur@yahoo.com.br.

From a methodological point of view, the research adopts a qualitative approach, seeking an in-depth analysis of the cultural and social conditions of this group. To collect data, an online questionnaire was developed and applied to Warao migrants and professionals who work to support these refugees. The interviews revealed difficulties faced by the Waraos in adapting to urban life, which go beyond territorial issues and are also related to cultural differences. Although many of them had already lived in urban areas, their origins in rural communities focused on agriculture and with traditional ways of life represent a challenge for their integration into this environment.

Keywords: refugees; indigenous peoples; Warao; Paraíba; migrants.

MIGRACIÓN E INTEGRACIÓN SOCIOECONÓMICA: INDÍGENAS VENEZOLANOS DE ETNIA WARAO EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD EN PARAÍBA

Los Warao, situados en Venezuela, son uno de los grupos étnicos más antiguos de la región, ya que sus antepasados habitaban el territorio mucho antes de que se formara la nación venezolana. En la actualidad, los Warao representan el segundo grupo étnico indígena más numeroso del país, con su propia lengua, homónima a la etnia, así como diversos niveles de fluidez en español. Ante la crisis política, económica y humanitaria que ha sacudido a Venezuela en las últimas décadas, muchos venezolanos, incluidos indígenas de distintas etnias, han comenzado a emigrar a otros países. Entre ellos, algunos Waraos fueron llevados a Paraíba a través del programa de internalización del gobierno federal, que pretende integrar a los refugiados que llegaron inicialmente a Roraima. Este estudio pretende comprender la situación actual de los refugiados Waraos en el estado de Paraíba. Desde el punto de vista metodológico, la investigación adopta un enfoque cualitativo, buscando un análisis en profundidad de las condiciones culturales y sociales de este grupo. Para recoger los datos, se elaboró un cuestionario en línea que se aplicó a los migrantes Warao y a los profesionales que trabajan para apoyar a estos refugiados. Las entrevistas revelaron las dificultades a las que se enfrentan los Waraos para adaptarse a la vida urbana, que van más allá de las cuestiones territoriales y también están relacionadas con las diferencias culturales. Aunque muchos de ellos ya habían vivido en zonas urbanas, sus orígenes en comunidades rurales centradas en la agricultura y con modos de vida tradicionales suponen un reto para su integración en este entorno.

Palabras clave: refugiados; indígenas; Warao; Paraíba; migrantes.

JEL: J15; R23; F22.

DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/rtm35art13>

Data de envio do artigo: 26/8/2024. Data de aceite: 14/10/2024.

1 INTRODUÇÃO

Originários da República Bolivariana da Venezuela, com seus ancestrais lá vivendo desde antes de o país existir como nação, os Warao constituem a segunda etnia mais numerosa do país, tem sua língua própria, de mesmo nome da etnia, além de fluência em níveis variados de espanhol. Essa etnia se encontra originalmente no território que se estende pelo estado de Delta Amacuro e parte dos estados de Monagas e Sucre, no delta do rio Orinoco, região nordeste da Venezuelas (ACNUR, 2024).

A partir do século XX, devido a interferências em seus territórios originários,³ os Warao foram obrigados a se deslocar dos seus ambientes, antes rurais e isolados, para centros urbanos na Venezuela (ACNUR, 2024). Contudo, pelo baixo ou zero grau de escolarização formal, dificuldade de adaptação aos trabalhos em centros urbanos (situação também presenciada no Brasil), os indígenas, em sua grande maioria mulheres, praticavam o que é erroneamente tipificado como “mendicância”, considerado um recorrente problema social (ACNUR, 2024). Para esses povos, porém, essa, “prática como mendicância deve-se ao fato de que, para os indígenas, trata-se de um trabalho e, na maioria das vezes, do único trabalho possível em contexto urbano, ainda assim, pouco confortável para a ampla maioria deles” (ACNUR, 2024, p. 37). Ou seja, na compreensão deles, como em qualquer outro trabalho, é preciso acordar cedo e ir para um local para exercer tal atividade. Se não fizer isso, nada receberá de remuneração.

Com a crise que se fez presente na Venezuela, envolvendo questões políticas, humanitárias e econômicas, muitos venezuelanos começaram a deixar seu país de origem, entre eles, os indígenas de diferentes povos, inclusive, os Warao (ACNUR, 2024). No Brasil, entre 2022 e 2023, mais de 2,3 mil indígenas de etnia Warao foram registrados em todo o país, destes, cerca de 189, no estado da Paraíba.⁴

Contudo, não só na Paraíba, mas em todo o Brasil, esses números de refugiados venezuelanos estão cada vez maiores. Segundo o UNODC (2021),

cerca de 262,5 mil migrantes e refugiados da Venezuela vivem no Brasil, a quinta maior nação anfitriã destes cidadãos na América Latina. Entre janeiro de 2017 e agosto de 2020, o Brasil acolheu 609.049 venezuelanos e viu partir 345.574 depois do fluxo disparar 922% no biênio anterior. Esses partiram para vários países nos diversos continentes do planeta, como por exemplo, Europa e América do Norte.

O objetivo deste trabalho é entender a situação atual da condição de refúgio dos indígenas de etnia Warao que se encontram no estado da Paraíba, em situação de vulnerabilidade.

Este artigo justifica-se pela falta de estudos sobre os Warao, pela possibilidade de se observar situações específicas presenciadas por eles no estado da Paraíba e pela importância social de estudos que busquem compreender a situação de pessoas na condição de refúgio, principalmente os indígenas. A partir disso, então, encontrar formas de prevenção para os problemas sociais a que esses povos estão sujeitos.

3. Segundo ACNUR (2024, p. 32), “sabe-se que as comunidades Warao foram impactadas pela expansão das frentes agrícolas (com a produção de arroz), pela prática da pesca de arrastão, por tentativas de extração de gás natural e pela mineração ilegal, sobre as quais lamentavelmente não conseguimos obter maiores informações”.

4. Dados disponibilizados pelo ACNUR em seu painel sobre populações indígenas refugiadas e migrantes presentes no Brasil. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMjlmNzdiODctYjMwZC00NjkzLWl0YzctY2VmZDdjYzlmMDQxliwidCI6ImU1YzZM3OTgxLTjY2NjQ0NDEzNC04YTJTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9>.

Em termos metodológicos, esta pesquisa constitui-se predominantemente qualitativa. No tocante às ferramentas de coleta de materiais empíricos, foi elaborado um questionário via formulário *online*. A pesquisa teve como público-alvo os migrantes refugiados de etnia indígena Warao e os assistentes e apoiadores que trabalham com eles. Foram ouvidas quatro partes (professores, warao, apoiadores e alunos que trabalham diretamente com eles).

A segunda seção aborda a situação dos indígenas venezuelanos da etnia Warao no Brasil e na Paraíba. A terceira seção apresenta a metodologia da pesquisa. A quarta seção exibe uma análise e discussão dos materiais empíricos construídos pelo formulário *online* com um líder indígena Warao e voluntários que trabalharam em projetos destinados à assistência desses povos na Paraíba. Por fim, na última seção, são tecidas algumas considerações finais.

2 MIGRANTES REFUGIADOS: OS VENEZUELANOS WARAO NA PARAÍBA

A migração é um movimento de deslocação de pessoas dentro ou fora de um país (OIM, 2009), que se dá por várias razões, podendo ser por razões turísticas ou desejo de mudança de vida, estilo ou de local, por gostar de ser nômade, por questões socioeconômicas e desejo de melhoria das condições de oportunidades, emprego e renda, por questões de trabalho (transferência de unidade que atua na empresa indo para outra região do país ou do exterior, promoção para atuar no exterior pela empresa no que é chamado de expatriado), de estudo e qualificações diversas, fugindo de crises econômicas, catástrofes ambientais, risco e violência, guerra civil ou de perseguições políticas, religiosas ou étnicas, entre outras. As migrações ocorrem com os seres humanos desde que “o mundo é mundo” (IMDH, MigraMundo e Ficas, 2019, p. 6). Consoante Silva *et al.* (2006, p. 157), “quem migra leva consigo sonhos de uma vida melhor para si e sua família, de obter sucesso econômico rápido e de regressar vitorioso, o quanto antes, à sua terra natal, pois o retorno é, segundo Sayad (2000), um elemento constitutivo da condição do imigrante”.

Evidente que existem os que nunca mais voltam para sua terra natal depois que migram, ou por falta de condições (como são os casos de boa parte dos imigrantes europeus que vieram ao Brasil no século XIX e início do Século XX) ou talvez porque deixaram para trás um passado de recordações dolorosas que não desejam reviver. O fato é que quem migra não perde sua identidade ou pertencimento original. Talvez, por conveniência, adormeça ou sufoque esse sentimento por um tempo, ou para sempre, por isso, é natural o desejo de voltar nem que seja para rever o que deixou no passado, recordar e matar a saudade de suas origens, ainda que esse retorno seja apenas para visitar e logo retornar a nova terra. Isso é muito comum, tendo em vista que, mesmo que não percam suas identidades

enraizadas no passado, ao conviver em novos ambientes e culturas, os indivíduos vão criando novas identidades e pertencimentos que, por vezes, superam, em sentimentos, o pertencimento anterior.

As migrações podem ser denominadas como internas ou externas, sazonais ou permanentes, espontâneas ou forçadas, regionais, nacionais ou internacionais, a depender do interesse e da condição do migrante. A mudança pode ocorrer para uma nova terra em que o migrante firma novas raízes ou pode ser para muitas terras com permanências temporárias em terras cada vez diferentes umas das outras, como é comum nas populações nômades. As migrações internas se dão quando o migrante faz seu trajeto dentro do âmbito nacional, denominadas como intermunicipal ou interestadual. Já as migrações externas ocorrem em território internacional, sendo permanentes ou temporárias, forçadas ou espontâneas.⁵ Essas migrações ocorrem normalmente de forma individual ou em grupo familiar, junto com amigos ou até com desconhecidos, haja vista que, segundo Volmer e Da Ros (2020, p. 94), usualmente “o ser humano não vive isoladamente, já que sua vida se tece, se entrecruza, se interpenetra com a do outro”. Por isso, a tendência é que o migrante prefira ir em grupo, até por questões de autodefesa, ajuda e segurança, estratégia de divisão de despesas e custo e redução do risco do sentimento de solidão em terra estranha.

Após o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), grandes grupos de pessoas começaram a migrar da Europa, pois não tinham nacionalidade registrada, o que se define como apátridas (Conrado, 2021). Por exemplo: naquele período, muitos dos povos ciganos não eram reconhecidos como nacionais de nenhum dos países em que circulavam. Atualmente, muitos da população curda têm dificuldade de serem reconhecidos como nacionais nas nações que nasceram. Assim, de acordo com o ordenamento jurídico brasileiro, mais especificamente com a Lei nº 9.474/1997, conhecida como Lei de Migração, o termo é utilizado para pessoas que não são consideradas como nacionais por nenhum Estado mediante sua legislação (Brasil, 1997).

Os fluxos migratórios sempre foram algo recorrente no mundo. Como afirmam Cogo e Badet (2012, p. 16), “a mobilidade humana é um traço constitutivo da própria história da humanidade”. No cenário brasileiro atual, pós-pandêmico, os fluxos migratórios intercontinentais estão cada vez mais intensos. De acordo com Capomaccio (2022), vários refugiados da Europa e do Oriente Médio estão migrando para o Brasil. Segundo a autora, a guerra na Ucrânia fez com que um número alto de ucranianos migrasse para o território nacional, de modo que “estão chegando refugiados não só da América do Sul e Central, mas também da Europa e Oriente”.

5. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/migracao/>.

No Brasil, os fluxos migratórios de brasileiros para o exterior começaram a entrar em tendência de crescimento nos anos de 1980, com uma maior ocorrência de migrantes para os Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa (Cogo e Badet, 2012). Do mesmo modo, o país começou a receber migrantes de países vizinhos como Argentina, Bolívia, Chile e Venezuela.

Desde a crise econômica das últimas décadas, por conta do fracasso dos governos Chávez e Maduro, a Venezuela passou a ser o segundo país com mais registros migratórios na Polícia Federal do Brasil: em um período de dois anos, entre 2015 e 2017, o fluxo de venezuelanos para o Brasil cresceu 922% (UNODC, 2021).

O Brasil não é o principal destino dos milhões de venezuelanos que abandonam seu país por conta da crise sem precedentes e que cada vez parece piorar. A Colômbia é o país que lidera a recepção desses imigrantes. Eles têm preferido aquele país (e outros da América do Sul e Central), pelo motivo de que a fronteira com a Colômbia é imensa e tem muitos pontos mais fáceis de acesso do que a fronteira com o Brasil, que fica na parte interior da Venezuela e está localizada na região amazônica dos dois países e consequentemente tem poucos locais de acesso viável, destacando-se nesse sentido a entrada por Pacaraima (Roraima). Já a escolha por outros países latino-americanos decorre do fato de que neles também se fala espanhol, o que evita a barreira linguística, enquanto no Brasil se fala o português. Há também uma grande debandada de venezuelanos em melhores condições financeiras que conseguem viajar, principalmente, para a Europa e os Estados Unidos.

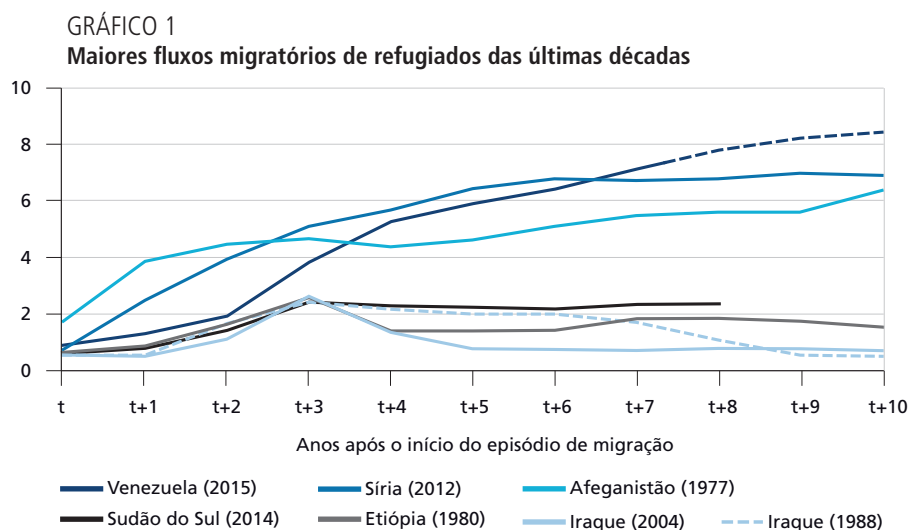
Refugiado é qualquer pessoa que migra do seu país de origem para outro em decorrência de guerra, perseguição ou violência. Diferentemente do conceito de migrantes, o termo refugiado é uma categoria do direito internacional (Mantoo, 2023). Como tanto os venezuelanos como os haitianos que anteriormente ingressaram no Brasil não se enquadram nas razões apontadas como guerra, perseguição ou violência, optou-se por criar a terminologia questões humanitárias, não prevista na legislação. O termo foi incorporado para abarcar situações de vulnerabilidade originalmente não previstas nos acordos internacionais para refúgio, como são os casos de risco para as pessoas decorrentes de catástrofes e crise social e econômica. Assim, a grande maioria dos migrantes venezuelanos são intitulados como refugiados por questões humanitárias.

Com a crise econômica e social na Venezuela, o Brasil recebeu 178 mil solicitações de refúgio e residência temporária entre 2015 e 2019. A maioria dos migrantes acessava o país pela fronteira na região Norte, pelo estado de Roraima.⁶

6. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>.

Entre 2013 e 2021, estima-se que o produto interno bruto (PIB) da Venezuela tenha reduzido 75%, o maior declínio registrado por um país não envolvido em conflitos/guerras nos últimos cinquenta anos. As consequências das decisões governamentais erradas na Venezuela nas últimas décadas estabeleceram o caos econômico, a pobreza e a miséria que passaram a imperar sobre o social. Além dessa a crise econômica e humanitária que o país já vivia, a situação foi ainda agravada pela pandemia de covid-19, o que fez com que um número superior a 95% da população venezuelana estivesse vivendo em situação de extrema pobreza (Arena *et al.*, 2022).

Com a pandemia, o fluxo migratório da Venezuela estagnou, mas apenas porque as fronteiras foram fechadas e o deslocamento foi restringido em diversos locais. Acredita-se que, com a reabertura de tais fronteiras no pós-covid, até 2025, cerca de 8,4 milhões de venezuelanos serão considerados migrantes no exterior, uma quantidade superior a 25% da população do país (Arena *et al.*, 2022). Ou seja, um de cada quatro venezuelanos deixou ou deixará o país até 2025. O gráfico 1 exemplifica o número de venezuelanos que deixaram o país desde 2015 e a previsão até 2025.



A maioria dos venezuelanos fala espanhol (98,2%), e apenas 0,1% se comunica em português. Dessa forma, quando ingressam no Brasil, inicialmente, possuem dificuldades de compreender e se comunicar com os brasileiros.⁷ Mas o fluxo migratório que ocorreu para o Brasil não tem apenas esse obstáculo

7. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/venezuela/#people-and-society>. Acesso em: 5 nov. 2024.

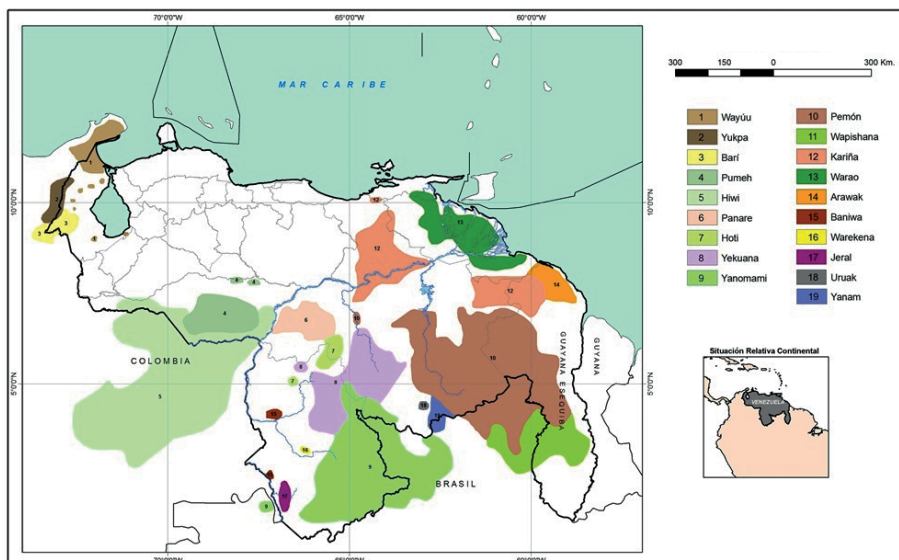
linguístico espanhol/português. Ocorre que uma parte dos migrantes oriundos da Venezuela para o Brasil são povos indígenas que não falam nem português e nem espanhol e sim sua língua originária, o que dificultou ainda mais a comunicação com os brasileiros das diversas localidades onde foram morar. De acordo com o Alves (2021), cerca de 5,8 mil migrantes e refugiados indígenas venezuelanos vivem no Brasil, a maioria (69%) da etnia Warao.

Os indígenas de etnia Warao, conhecidos também como povo da água, em sua língua-mãe, vivem há milhares de anos na região do delta do rio Orinoco, “são hoje a segunda maior etnia da Venezuela com cerca de 49 mil pessoas (Censo 2011)”.⁸ Esses grupos são divididos principalmente entre três regiões na Venezuela, pelos estados do Delta Amacuro, Monagas e Sucre, que ficam às margens do delta Orinoco. Apesar de os homens conduzirem as famílias, são as mulheres as responsáveis por manter a comunicação central, fornecendo informações e tomando decisões no dia a dia.

O mapa 1 destaca a divisão da população indígena na Venezuela, ilustrando as localidades citadas e onde vivem a maior parte dos indígenas Warao.

MAPA 1

Divisão dos grupos indígenas venezuelanos



Fonte: Sanoja e Vargas (2007).

Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

8. Disponível em: https://setades.es.gov.br/Media/Seadh/Lives%20-%20SUAS/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20ind%C3%ADgenas%20Warao_SETADES_17.06.21.pdf.

A partir de 2014, com o avanço da crise política e econômica na Venezuela, os Warao foram forçados a migrar, gerando um fluxo migratório principalmente para o Brasil. No início, os grupos se alocaram sobretudo na região de Roraima e do Amazonas, mas com o passar do tempo, começaram a migrar para outras regiões do Brasil, para estados como o Pará, o Maranhão, o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, entre outros da região Nordeste. Alguns grupos também se deslocaram para as regiões Sudeste e Centro-Oeste, e, em 2020, novos grupos começaram a ser identificados na região Sul do Brasil.⁹

Com a chegada da pandemia, vários Warao foram avisados do vírus e das testagens, no entanto, muitos se recusaram de início a se submeterem aos testes, relatando que não havia necessidade. A população Warao acreditava que o vírus da covid-19 era um “*embrujo*”, ou seja, um feitiço. Eles acreditavam que conseguiriam retirar esse “feitiço” com seus rituais (Lucena, 2021).

Os costumes culturais são a identidade de uma comunidade, de uma etnia, de uma região, e os Warao, assim como os demais povos, têm seus ritos e crenças, usos e costumes que formam sua cultura e sua identidade. Por alguns comportamentos desse povo serem peculiares, às vezes eles não são bem compreendidos ou aceitos, sobretudo por pessoas que não se esforçam para entender a riqueza da diversidade cultural e a importância das tradições genuínas de cada povo que lhe dá pertencimento. Os povos Warao que estão no Brasil convivem em ambiente significativamente diferente do seu *habitat* originário – e em condição de pessoas refugiadas, em terra estranha, de estilo urbano, por vezes metrópoles e, em casos não muito raros, com comportamento individualista e hostil. Desse modo, estão suscetíveis a se depararem com pessoas que têm uma visão mais etnocêntrica, preconceituosa ou nada compreensiva. Lucena (2021, p. 109) relata a fala de uma assistente social de João Pessoa: “Eles devem se adaptar à nossa cultura, aos costumes e leis de nossa sociedade”. Embora isso não deixe de ser uma verdade, pois quando se vai ao exterior é o imigrante que busca compreender e se adaptar à realidade local e não o contrário, o fato é que exigir de um povo indígena (originário), com costumes coletivos e menos urbanos, a transição para esse novo estilo de vida é algo duro e que soa radical e traumático.

A Paraíba começou a receber os indígenas Warao entre 2019 e 2020, quando cerca de oitenta indivíduos migraram para o estado (Experiência..., 2022). Contudo, no cenário pós-pandêmico, esse número aumentou consideravelmente, chegando a 350, principalmente localizados na cidade de João Pessoa (Experiência..., 2022).

9. Disponível em: https://setades.es.gov.br/Media/Seadh/Lives%20-%20SUAS/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20ind%C3%ADgenas%20Warao_SETADES_17.06.21.pdf.

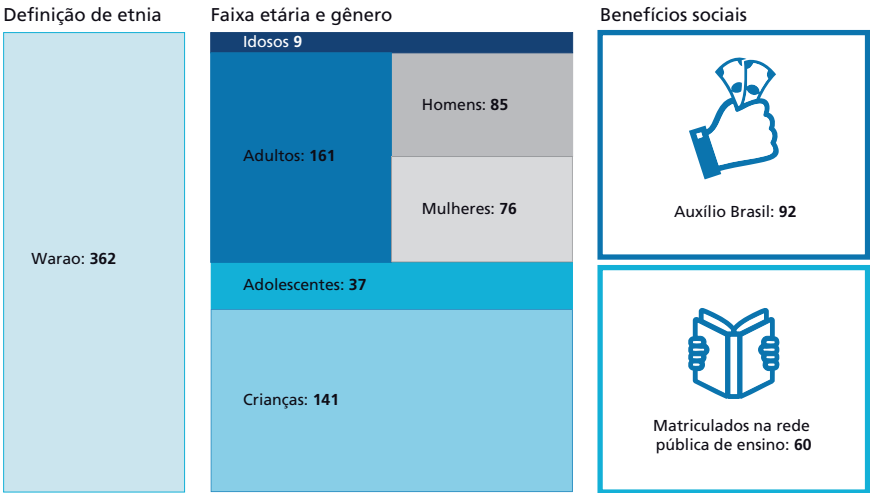
As migrações para o estado da Paraíba ocorreram de forma gradual e espontânea, no entanto, com o aumento do números, o governo do estado, juntamente com órgãos responsáveis, criou um projeto intitulado Implementação de Serviço e Fortalecimento das Articulações Intersetoriais no Estado da Paraíba para o Atendimento aos Indígenas Refugiados e Migrantes da Etnia Warao: da conjuntura emergencial à proteção comunitária e busca por autonomia, tendo sede na cidade de João Pessoa (ACNUR, 2022, p. 35). O projeto tem o intuito de ajudar os migrantes refugiados Warao, com auxílios, como o Auxílio Brasil (e que depois passou a ser Bolsa Família) e educação, visando combater algumas vulnerabilidades. A alta demanda, no entanto, é uma preocupação, o pode acarretar uma carência de assistência e acolhimento (ACNUR, 2022).

Esse acolhimento só foi possível após uma exigência do Ministério Público Federal (MPF) em discussão com o governo estadual, que consolidou um acordo com o centro social, para que a instituição acolhesse os refugiados Warao por um longo período (Lucena, 2021). Esse acolhimento tem como objetivo

ofertar ações socioassistenciais incluindo melhorias ao acolhimento temporário para indígenas refugiados e migrantes venezuelanos da etnia Warao, com provisões materiais, alimentação, referenciamento à equipe técnica multidisciplinar para atendimentos e encaminhamentos para as redes intersetoriais e serviços voltados à garantia de direitos e ao exercício da autonomia (ACNUR, 2022, p. 36).

A figura 1, desenvolvida pelo projeto, mostra a quantidade de Warao que já são beneficiados pelas atividades.

FIGURA 1
Total de Warao beneficiados com auxílios e matrícula escolar



Fonte: ACNUR (2022, p. 36).

O governo do estado da Paraíba afirma que o idioma e a cultura são duas das barreiras que precisam ser levadas em consideração: “para além da tradução linguística, é necessária uma intermediação cultural de modo que possa favorecer a criação de vínculos entre equipe e os Warao” (ACNUR, 2022, p. 39). A língua é uma grande dificuldade enfrentada por refugiados, tendo em vista que os indivíduos não tiveram a oportunidade de se preparar para migrar, o que causa muitas dificuldades e preconceito no processo de migração. O linguista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Bagno,¹⁰ afirma que “rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte”.

Atualmente, o governo da Paraíba trabalha com assistentes sociais, psicólogos, educadores e tradutores de espanhol, visando entender a língua e a cultura para melhor acolher os refugiados Warao na região (ACNUR, 2022). Todavia parte da dificuldade continua, já que a maioria do povo Warao não fala espanhol e muitos também não compreendem.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho inclui, predominantemente, a pesquisa qualitativa, uma vez que envolve uma análise profunda e detalhada dos aspectos culturais e sociais dessa população. Essa abordagem não é focada em números, mas em interpretações de realidades sociais (Bauer e Gaskell, 2003, p. 23). Ela se atenta aos níveis de realidade que não podem ser quantificados, “trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 2014 *apud* Vernaglia, 2020, p. 3).

Esse tipo de pesquisa é menos conceitual, buscando compreender e interpretar as experiências e analisando-as de forma mais intuitiva (Vernaglia, 2020, p. 4). Desse modo, “a pesquisa qualitativa é, muitas vezes, vista como uma maneira de dar poder ou dar voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento deve ser quantificado e estatisticamente modelado” (Bauer e Gaskell, 2003, p. 30).

O formulário de entrevistas foi desenvolvido de forma estruturada, garantindo assim, uma maior uniformidade das respostas (Silva *et al.*, 2006). O principal objetivo dessa etapa é a comparação social dos resultados. A pesquisa foi realizada de forma presencial na cidade de João Pessoa, tendo como público-alvo os migrantes refugiados de etnia indígena Warao, que estão em situação de vulnerabilidade e refúgio, e os assistentes e apoiadores que trabalham com eles. Os dois grupos foram abordados pelas redes sociais dos projetos de extensão e das instituições de ensino que trabalham com os venezuelanos, com o intuito de realizar

10. Entrevista disponível em: <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>.

a entrevista de forma presencial nos abrigos e nas instituições de acolhimento. Devido à falta de resposta das instituições governamentais, não foi possível criar uma parceria com o governo da Paraíba.

As entrevistas presenciais tiveram o objetivo de deixar os participantes cientes dos objetivos da pesquisa, além de consistir em uma conversa entre entrevistador e entrevistado. Após as entrevistas presenciais, os participantes foram convidados a responder às perguntas via *Google Forms*, etapa que visou sistematizar e agrupar as informações apresentadas na primeira conversa. O apêndice A descreve os questionários. O apêndice B e o apêndice C apresentam as respostas.

Com o intuito de atingir os dois públicos da melhor forma, foram criadas três bases de perguntas. A primeira é um questionário social aplicado aos dois grupos de entrevistados a fim de obter dados referentes a seus quadros sociais. O segundo questionário é dedicado única e exclusivamente aos indígenas refugiados Warao. O terceiro tem como foco os apoiadores e assistentes que trabalham com os venezuelanos na Paraíba. O intuito das perguntas foi auferir informações de modo a possibilitar uma análise mais humanística e social.

Para análise das discussões, os resultados obtidos foram explorados com detalhes gerais e, em alguns momentos, individuais. Dessa forma, o objetivo foi realizar um apanhado das questões que mais se integram ao texto com citações e discussões das respostas obtidas.

4 DO REFÚGIO AO ACOLHIMENTO: ENTREVISTAS E DISCUSSÕES

Para facilitar o entendimento do resultado e compreender melhor a análise das discussões, a seção quatro deste artigo foi distribuída em três eixos principais que são apresentados a seguir.

4.1 Eixo 1: características socioculturais dos/as participantes

No primeiro momento, os voluntários foram questionados se aceitavam participar. Dos que aceitaram foi perguntado sobre suas características socioculturais. Ao todo, foram entrevistados seis participantes: duas docentes e três discentes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que atuam com os Warao, e o cacique e/ou *aidamo* dos indígenas Warao na Paraíba.¹¹

O cacique, de acordo com Silva e Moreira (2020, p. 2), “é o líder da aldeia, escolhido porque liderou a criação de uma aldeia, por sucessão hereditária ou por escolha da comunidade”. Outrossim, os Warao utilizam igualmente a

11. Como informado, a pouca quantidade de entrevistados pertencentes ao povo Warao se deu pela dificuldade deles com a língua portuguesa e também com a espanhola. Dessa forma, só foi possível entrevistar o cacique, que possuía um pouco de conhecimento de espanhol.

terminologia *aidamo* para se referir ao chefe de sua comunidade. De acordo com o ACNUR (2024, p. 90), *aidamo*

é comumente utilizado para definir a liderança Warao, porém, entre os indígenas, há divergências sobre a sua aplicação. Para alguns, essa categoria não se estende às lideranças constituídas no Brasil, pois corresponde ao grande chefe da sociedade Warao, devendo ser usado apenas para designar aqueles que já eram caciques reconhecidos na Venezuela. As lideranças constituídas no Brasil seriam legítimos representantes políticos, mas teriam uma posição social e política distinta à dos *aidamo*. A palavra pode ainda ser usada para classificar atores pertencentes a instituições estatais ou não, que ocupam postos de chefia ou possuem algum tipo de autoridade.

Sobre as docentes, uma delas é responsável por coordenar um projeto de extensão que visa desenvolver atividades com os refugiados Warao em situação de vulnerabilidade, levando em conta principalmente a questão linguística. Desse projeto participam os três discentes que fizeram parte das entrevistas. A outra docente coordena um projeto de extensão que tem como objetivo o acolhimento e a integração dos migrantes e refugiados na Paraíba. A escolha dos participantes se deu, primordialmente, por seu envolvimento com projetos e ações que visam ajudar os indígenas refugiados Warao que se encontram na cidade de João Pessoa, na Paraíba.

Os participantes podem contribuir para a percepção da situação dessa população por terem um contato mais próximo com os indígenas Warao, que estão em situação de vulnerabilidade, principalmente os residentes na capital do estado. Ademais, são pessoas que fazem parte do cotidiano institucional do autor desta pesquisa, o que contribuiu para um maior engajamento entre entrevistador e entrevistados.

Ressalta-se que conversar com pessoas do povo Warao não é uma tarefa simples. Primeiro porque existem algumas regras como por exemplo a de que homem que não pertence a comunidade Warao não pode conversar com as mulheres Warao. Isso já limitou a pesquisa pois os homens da comunidade nem sempre estão disponíveis para serem entrevistados. Outra limitação é o idioma, pois, como já dito, praticamente nenhum deles fala português nem espanhol, e o entrevistador não falava a língua dos Warao.

Sendo assim, o primeiro desafio foi conseguir uma aproximação com os indígenas Warao, o que foi dificultado devido às barreiras culturais e linguísticas. Somente depois de várias tentativas foi possível agendar e entrevistar o líder da comunidade Warao da região. A entrevista teve que ser realizada principalmente em espanhol, por causa da falta de familiaridade do participante com a língua portuguesa. Como o líder Warao era um dos poucos que sabia espanhol,

isso permitiu o diálogo. O primeiro contato com ele se deu a partir da Conferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia (Comigrar), que ocorreu em João Pessoa no início de 2024. O quadro 1 sintetiza as informações sociais dos participantes.

QUADRO 1
Perfil dos participantes

Participante	P1	P2	P3	P4	P5	P6
Idade	21	20	50	23	50	-
Gênero	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino
Raça	Preta	Branca	Parda	Indígena (Xukuru)	Branca	Indígena (Warao)
Estado civil	Solteiro	Solteira	Casada	Solteira	Casada	Casado
Nível de estudo	Superior em formação	Superior em formação	Pós-graduada	Superior em formação	Pós-graduada	Superior em formação

Elaboração dos autores.

De um modo geral, conseguir identificar os traços socioculturais dos participantes ajuda a entender suas cosmovisões a respeito dos temas abordados. Além disso, auxilia na compreensão do contexto social de vivência e criação, da forma como enxergam a realidade atual dos Warao, como refugiados indígenas em um país estrangeiro. Com isso, o próximo tópico focar a continuação da análise dos resultados.

4.2 Eixo 2: os Warao

Embora o número de Warao em situação de refúgio na Paraíba esteja aumentando (ACNUR, 2024), o contato com esses povos originários venezuelanos de forma verbal é bastante difícil, haja vista que uma das maiores dificuldades relatadas pelo próprio cacique da comunidade Warao é o aprendizado da língua portuguesa. Como providência facilitadora para a entrevista, em uma breve discussão presencial com o chefe da comunidade, foi decidido que, por conta da dificuldade linguística com o português, a entrevista seria realizada via formulário *online* a ser desenvolvido na língua em que ele se sentisse mais confortável, espanhol ou português, para facilitar o entendimento do indígena.

O cacique, em seu depoimento, contou que chegou na Paraíba por volta de dois anos atrás e que recebe assistência do governo do estado da Paraíba. O entrevistado relatou que sua situação de vida, e de seus familiares, após a chegada em João Pessoa, melhorou em relação à saúde, à alimentação e ao auxílio do governo. O participante destacou que não recebeu nenhuma assistência para o aprendizado da língua portuguesa, expressando ainda um dos motivos da dificuldade com o

idioma: “Idioma português é comprido para expressar pouco”.¹² O que ele quis dizer foi que o idioma português, tem frases longas e complexas em relação à língua Warao, isto é, que é preciso falar muito em português para exemplificar algo que seria simples em Warao. Contudo, o participante afirmou que aconselharia outros refugiados a virem para o Brasil, devido a melhora na qualidade de vida em alguns aspectos.

O líder indígena assegurou que sua situação atual se encontra melhor, mas alguns entrevistados discordaram. A P4 afirmou:

acredito que piorou [a qualidade de vida deles], visto que eles ficaram num estado maior de vulnerabilidade social e econômica, deixando de ter novas oportunidades de capacitações e sem a possibilidade de se ter uma autonomia financeira. Tendo que depender cada vez mais da ajuda do governo e dos outros.

Por outro lado, a P2 argumentou o que segue:

acredito que a vulnerabilidade ainda permanece, as barreiras linguísticas e culturais, além da dificuldade de realizar algumas das atividades produtivas que realizavam anteriormente em seu país de origem tornam mais difícil o processo de adaptação e autonomia financeira. Entretanto, é possível perceber as tentativas realizadas pela comunidade para desenvolver atividades, como o artesanato em que os Warao buscam materiais que possam ser utilizados na fabricação das suas peças, cujas matérias-primas eram nativas da Venezuela. Conseguir o capital necessário para a compra desses materiais ainda é, muitas vezes, um desafio.

Uma dificuldade que foi destacada por P4 e P5 foi o fato de que elas têm que se adaptar à vida na cidade, visto que são originalmente de áreas rurais. As duas participantes observaram que, em conversas com os próprios indígenas, foi relatado o desejo de ter sua própria terra para cultivar e vender alimentos, como a mandioca, por exemplo. Essa situação faz com que eles reclamem constantemente por não alcançarem sua autonomia financeira.

Em entrevista, os apoiadores disseram, em sua maioria, que é oferecida assistência linguística para os indígenas. A P2 destacou que

alguns projetos oferecem aulas de português para essas pessoas em situação de refúgio. Na UFPB, o projeto *Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar* oferece aulas de português em formato remoto, dos níveis básico, intermediário e avançado em uma atividades chamada *O Português como Língua de Acolhimento*.

A P3 observou, contudo, que, embora atualmente tenham acesso às aulas de português, eles ainda enfrentam muita dificuldade no aprendizado da língua.

12. As respostas do indígena Warao em alguns momentos são de difícil compreensão por conta da dificuldade linguística.

Embora muitas instituições trabalhem para garantir uma melhora na situação de refúgio, muitos obstáculos surgem, principalmente pela falta de entendimento da cultura, da língua e de seus costumes.

4.3 Eixo 3: proteção e cuidado

A partir das perguntas feitas aos entrevistados, alguns aspectos que dificultam a convivência dos Warao na cidade grande, não só por questões de terras mas por assimetrias culturais, ficaram claros. São problemas vivenciados não apenas pelos Warao mas também por indígenas brasileiros, que enfrentam distintos desafios, principalmente no que tange à posse de terras (Araujo Junior, 2015).

A P4 declarou:

por ter etnia indígena e saber das lutas e desafios enfrentados por ser minoria neste país, ainda mais sendo refugiado, resolvi ajudar com meus conhecimentos, pois me sinto parte [desses] distintos desafios, principalmente no que tange estar sempre colaborando, numa ajuda mútua, não só com as tribos¹³ deste país mas de outros também, visto que já sofremos tanto com a perda da nossa cultura, graças a colonização, entre outros problemas.

A entrevistada explicou ainda que esse é o motivo principal pelo qual decidiu participar de projetos que ofereçam ajuda humanitária para os indígenas Warao, que se encontram em situação de refúgio na Paraíba.

A P2, para a mesma pergunta, respondeu: “Conhecer as dificuldades enfrentadas por essas pessoas ao buscarem condições melhores de vida para suas famílias foi o que me fez querer ajudar por meio do voluntariado no projeto, sendo o curso de Economia Solidária Warao uma das atividades realizadas”.

Sendo assim, com o objetivo de ilustrar um pouco da experiência daqueles que trabalham, ajudam e convivem de certa forma com esses refugiados, foi perguntado aos apoiadores/participantes: quais são os principais desafios para oferecer um acolhimento de qualidade para eles? O quadro 2 sintetiza as respostas.

QUADRO 2
Resposta dos participantes sobre os principais desafios para oferecer um acolhimento de qualidade para os Warao

P1	Planejamento é o maior desafio, pois na maioria das vezes o acolhimento é feito sem planejamento.
P2	A falta de preparação de profissionais qualificados em serviços públicos e privados para um melhor atendimento a essa comunidade e a incompreensão da população local que muitas vezes desconhece as necessidades dessas pessoas são alguns dos desafios a serem atenuados para que possamos integrar e acolher os que buscam no estado um novo recomeço.

(Continua)

13. Apesar de o termo *tribo* não ser adequado para representar as comunidades indígenas, a palavra não foi alterada por se tratar de uma resposta direta de um dos entrevistados.

(Continuação)

P3	Compreender a sua cultura e escutar as suas necessidades. Que sejam eles mesmos que indiquem. O que não precisam é ser submetidos a planejamentos impostos por um burocrata que não conhece os Warao.
P4	A barreira do idioma. Acredito que falta uma preparação do time de acolhimento em relação a falar pelo menos o espanhol, visto que alguns deles falam e entendem esse idioma. Além da questão cultural de compreender que, segundo a visão deles, o homem tem determinado papel e a mulher outro, na comunidade, e com isso as negociações só são feitas com os homens para os homens. Se uma mulher paraibana for falar ou negociar com um Warao, o indígena irá ficar recuado de falar com ela, mas se for um homem será mais fácil de resolver e conversar. Então acredito que essa barreira cultural acaba impedindo de se ter mais resoluções.
P5	A questão financeira, a adaptação cultural e a língua.

Elaboração dos autores.

Obs.: As respostas foram apresentadas *ipsis litteris* como os entrevistados escreveram.

Visando ajudar os indígenas Warao a enfrentarem algumas das dificuldades financeiras e ajudar na precificação dos artesanatos, foi ofertada por P3, professora do Departamento de Contabilidade da UFPB, uma ação de economia solidária, tendo participação de P1, P2 e P4, discentes do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI) da UFPB. A ação, segundo Tavares, Jô e Fideles (2023, p. 1),

é uma atividade de mobilização social, em que o projeto de extensão Metodologias Contemporâneas em Contabilidade (Contemp) realiza uma sequência de aulas ministradas em formato remoto, inicialmente com o intuito de atender às solicitações da população Warao residente em João Pessoa. Mas com o período pós-pandêmico, atendemos a indígenas Warao de todo o Brasil. O intuito do curso é de atender a essa tribo indígena que está em refúgio no nosso país, em um contexto de vulnerabilidade social e econômica, fornecendo as informações necessárias acerca da economia solidária, em que o processo produtivo busca atender prioritariamente às suas necessidades e não somente a obtenção do lucro.

No geral, os autores relatam que “os resultados desse curso foram bem significativos, tanto para nós discentes quanto para os indígenas, pois conseguimos obter uma ótima satisfação por parte deles, com *feedbacks* a respeito do curso” (Tavares, Jô e Fideles, 2023, p. 1).

Em João Pessoa, não apenas o governo e a UFPB contribuem para essa ajuda humanitária, também as igrejas e a própria comunidade local. A previsão dos abrigos e do acolhimento das populações em vulnerabilidade, como é o caso dos Warao, tem previsão legal devendo ser oferecido pelos municípios e estados com apoio do governo federal.

A implementação de abrigos provisórios destinados ao acolhimento institucional dos Warao é regulamentada pela Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009, do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), enquadrando-se no artigo 1º, inciso III, letra d: Serviço de Proteção em Situações de Calamidades Públicas e de Emergências. Esse serviço é oferecido no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (Suas), sendo considerado um Serviço de Proteção Social Especial de Alta

Complexidade, cuja competência de execução é dos municípios ou estados, cabendo à União o cofinanciamento e apoio técnico, conforme as demandas apresentadas (ACNUR, 2024, p. 80).

Desse modo, pela necessidade e por motivo de maior vulnerabilidade dos Warao, as ações previstas de acolhimento estão sendo seguidas por algumas cidades do Brasil. Além disso, medidas de adaptação são necessárias principalmente quando envolve a questão cultural (ACNUR, 2024). Nessa égide, “seus direitos enquanto indígenas asseguram-lhes o respeito às tradições, costumes e modos de vida diferenciados, bem como o direito de consulta prévia diante de quaisquer ações a eles direcionadas” (ACNUR, 2024, p. 85). Essa preocupação com as questões culturais que podem surgir a partir do choque entre diferentes culturas e povos visa assegurar, em certa medida, a não perda por parte desses grupos de suas raízes e vínculos com sua ancestralidade, assim como de sua cultura e língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão da literatura e do formulário *online* aplicado, é notável, atualmente, que o que mais perdura sobre os indígenas Warao presentes na Paraíba são as suas dificuldades que ainda não foram resolvidas. Foi observado, mediante o estudo e a pesquisa feita, que os principais desafios enfrentados pelos Warao na Paraíba envolvem, numa primeira instância, a diferença no idioma, as assimetrias culturais e a geolocalização de alguns povos, que se encontram em abrigos urbanos nas grandes cidades, quando na verdade seus hábitos, usos e costumes tradicionais têm vínculos rurais.

Este artigo identificou que o acolhimento, embora difícil, foi e, até o presente momento, está sendo realizado pelo governo e por outras entidades ou instituições, como universidades federais, organizações não governamentais (ONGs), pastorais, igrejas¹⁴ e pela própria população de João Pessoa, em sua maioria, estudantes de centros universitários e voluntários de ações sociais e humanas.

Diante das dificuldades observadas pelos próprios autores ao realizarem a pesquisa, a situação dos Warao na Paraíba está sendo, de certa forma, de momentos bons e ruins. Apesar dos esforços do governo e das instituições que atuam para atender esses refugiados, tais ações ainda parecem ser insuficientes pois o número de indígenas Warao desabrigados e que se encontram em situação de rua ainda é considerável e perceptível em João Pessoa.

Houve alguns obstáculos para a realização desta pesquisa, por exemplo, a dificuldade de contato com os Warao, que, embora sejam vistos com certa facilidade

14. Entre outras, a Pastoral do Migrante do Nordeste; a Pastoral da Arquidiocese da Paraíba; a Associação Dariamo Warao da Paraíba; o Plano Nacional Caminhos da Solidariedade: Brasil e Venezuela, iniciativa da Igreja Católica.

na cidade de João Pessoa, não são de fácil contato, pois, em sua maioria, não sabem falar o português e poucos sabem o espanhol. Contudo, alguns materiais bibliográficos foram encontrados em publicações recentes sobre esse tema, o que foi de grande valia para a compreensão de algumas características das situações do povo Warao em território brasileiro.

Acreditamos que este trabalho contribui de forma direta para se entender um pouco mais sobre as dificuldades vividas pelos povos Warao na Paraíba, o que, de todo modo, não é muito diferente da realidade vivida por esse povo no restante do Brasil (Alves, 2024).¹⁵ Nesta pesquisa, com o intuito de compreender como as instituições e as pessoas trabalham para assegurar mais qualidade de vida para os indígenas que se encontram em situação de refúgio, foram abordadas as práticas institucionais, governamentais e pessoais. Além disso, outro objetivo foi incentivar outros centros, órgãos e instituições a contribuir para mitigar essas dificuldades, utilizando-se de meios assertivos para melhorar o acolhimento e a inserção socioeconômica desse povo na sociedade paraibana, sem desrespeitar sua cultura característica.

Por fim, alguns pontos foram considerados de extrema importância e merecem maior atenção em pesquisas futuras, entre os quais, a importância da disponibilidade de terras para a agricultura familiar para esses indígenas, a busca por formas de suavizar o impacto da dificuldade do idioma local para conseguir um meio de trabalho formal e a atenuação da influência negativa da vida nos grandes centros urbanos para as comunidades indígenas, que têm hábitos originalmente rurais.

REFERÊNCIAS

ACNUR – ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. **Iniciativas intersetoriais voltadas à promoção de direitos de populações indígenas refugiadas e migrantes no Brasil**. Brasília: ACNUR, 2022.

_____. **Os Warao no Brasil**: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes. 2. ed. Brasília: ACNUR, 2024.

ALVES, L. Família Warao da Venezuela mantém tradições em meio à procura por sustento em BH. **Cedefes**, 2021. Disponível em: <https://www.cedefes.org.br/familia-Warao-da-venezuela-mantem-tradicoes-em-meio-a-procura-por-sustento-em-bh/>.

15. Disponível em: https://setades.es.gov.br/Media/Seadh/Lives%20-%20SUAS/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20ind%C3%ADgenas%20Warao_SETADES_17.06.21.pdf.

ARAUJO JUNIOR, J. J. **Desafios na proteção da posse constitucional de terras indígenas pelo Poder Judiciário**. [s.l.]: [s.n.], 2015. p. 27. Disponível em: <https://biblioteca.mpf.mp.br/repositorio/items/3fed41c8-8640-4077-9b2b-460683b7e1cb>.

ARENA, M. *et al.* Os migrantes da Venezuela trazem oportunidades econômicas para a América Latina. **IMF**, 2022. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2022/12/06/cf-venezuelas-migrants-bring-economic-opportunity-to-latin-america>.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 jul. 1997. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=art.+1+da+lei+9474%2F97>.

CAPOMACCIO, S. Fluxo migratório mundial, agravado no pós-pandemia, tem reflexos no Brasil. **Jornal da USP**, 11 out. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/fluxo-migratorio-mundial-agravado-na-pos-pandemia-tem-reflexos-no-brasil/>.

COGO, D.; BADET, M. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores: migrantes no Brasil**. [s.l.]: Unisinos, 2012. Disponível em: https://migramundo.com/wp-content/uploads/2013/12/guia_migracoes_transnacionais_e_diversidade_cultural_migrantes_no_brasil.pdf.

CONRADO, R. Como o conceito de refugiado evoluiu ao longo da história. **MigraMundo**, 20 jun. 2021. Disponível em: <https://migramundo.com/como-o-conceito-de-refugiado-evoluiu-ao-longo-da-historia/>.

EXPERIÊNCIA da Paraíba no abrigamento de indígenas Warao é destaque em publicação nacional. **Gov.br**, 2022. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/experiencia-da-paraiba-no-abrigamento-de-indigenas-Waraos-e-destaque-em-publicacao-nacional>.

IMDH – INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS; MIGRA MUNDO; FICAS. **Migrações, refúgio e apatridia: guia para comunicadores**. [s.l.]: ACNUR, 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf.

LUCENA, J. B. Impressões criadas sobre os indígenas Warao nas ruas de João Pessoa-PB em tempos de pandemia. **Travessia**, v. 2, n. 91, 23 ago. 2021.

MANTOO, S. “**Refugiados**” ou “**Migrantes**”? Como as escolhas de palavras afetam direitos e vidas. Genebra: ACNUR, 20 dez. 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/12/20/refugiados-ou-migrantes-como-as-escolhas-de-palavras-afetam-direitos-e-vidas/>.

OIM – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Glossário sobre migração**. Genebra: OIM, 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>.

SANOJA, M.; VARGAS, I. El legado territorial y ambiental indígena prehistórico e histórico. In: GRAU, P. C. (Coord.). **GeoVenezuela**. Caracas: Fundación Empresas Polar, 2007. 416 p.

SILVA, G. R. F. *et al.* Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 5, n. 2, 2006.

SILVA, M. F. D.; MOREIRA, M. M. O direito constitucional sob o olhar dos caciques da Terra Indígena Mãe Maria (Pará), povo indígena Gavião. **Revista Direito GV**, v. 16, n. 1, p. e1942, 2020.

TAVARES, L. S.; JÔ, A. T.; FIDELES, T. F. **Economia solidária**: uma iniciativa no desenvolvimento social dos indígenas Warao. 2023. Trabalho apresentado no XXIV Encontro de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (ENEX/UFPB), João Pessoa, 2023.

UNODC – UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Fluxo de migrantes venezuelanos no Brasil cresceu mais de 900% em dois anos**. [s.l]: s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2021/07/fluxo-de-migrantes-venezuelanos-no-brasil-cresceu-mais-de-900-em-dois-anos.html>.

VERNAGLIA, T. **Pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Unirio, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/581071>. Acesso em: 4 jan. 2024.

VOLMER, L.; DA ROS, P. Language as a shelter and identity construction. **Migration Research Hub**, 2020. Disponível em: <https://migrationresearch.com/item/language-as-a-shelter-and-identity-construction/676133>.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIOS

Questionário sociocultural

- 1) Idade
- 2) Gênero
- 3) Raça
- 4) Estado civil
- 5) Nível de estudo

Questionário geral para os indígenas Warao

- 1) Por que você decidiu vir para o Brasil?
- 2) Veio sozinho ou com a família?
- 3) Quantas pessoas fazem parte do seu núcleo familiar?
- 4) Quanto tempo faz que você chegou na Paraíba?
- 5) Já tem alguma renda fixa ou emprego?
- 6) Você recebeu algum tipo de assistência governamental ou de outras pessoas durante sua estadia na Paraíba?
- 7) Você acha que após a pandemia a situação do seu acolhimento melhorou ou piorou?
- 8) Sua situação social e econômica melhorou se comparado ao que vivia no seu país de origem?
- 9) Quais os principais problemas enfrentados estando na Paraíba?
- 10) Fala quais línguas e com que fluência?
- 11) A língua portuguesa segue sendo uma barreira para você?
- 12) Você recebe ou recebeu alguma assistência para aprender português?
- 13) Você aconselharia outros refugiados/imigrantes a virem para a Paraíba?
- 14) Você pretende sair do estado da Paraíba? Se sim, por quê?

Questionário geral para assistentes/apoiadores

- 1) Quanto tempo faz que você lida com o povo Warao na Paraíba?
- 2) Por que você decidiu exercer tais atividades?
- 3) Eles recebem ou receberam algum tipo de assistência governamental ou de outras pessoas durante sua estadia na Paraíba?
- 4) Você acha que após a pandemia a situação social e econômica deles melhorou ou piorou?
- 5) Quais os principais problemas enfrentados por eles estando na Paraíba?
- 6) Você acha que o idioma é uma barreira para essas pessoas refugiadas/imigrantes? Em que sentido e complexidade?
- 7) Eles recebem alguma assistência para aprender português?
- 8) Quais os principais desafios para oferecer um acolhimento de qualidade para eles?

APÊNDICE B

RESPOSTAS DOS WARAO

Questionário sociocultural

As respostas do questionário sociocultural de todos os participantes já se encontram presentes no artigo.

Questionário geral para os indígenas Warao

- 1) Procurar uma vida melhor.
- 2) Com minha família.
- 3) Eu e mais cinco.
- 4) Dois anos.
- 5) Sim.
- 6) Sim, do governo estadual da Paraíba.
- 7) Normal, mas agora tenho o auxílio emergencial.
- 8) Sim, quanto a alimentos, saúde e o Bolsa Família do governo federal.
- 9) Sobre necessidade para viver em jeito adequado abrigo alimentação medicina e outro mais.
- 10) Warao, meu idioma materno, espanhol e português.
- 11) Idioma português é comprado para expressar pouco, nós estamos aprendendo.
- 12) Não.
- 13) Sim.
- 14) Não pensamos em abandonar onde estamos.

APÊNDICE C

RESPOSTAS DOS ASSISTENTES/APOIADORES

Questionário sociocultural

As respostas do questionário sociocultural de todos os participantes já se encontram presentes no artigo.

Questionário geral para assistentes/apoiadores

P1:

- 1) Um ano e três meses.
- 2) Pela possibilidade de conseguir ajudar na adaptação social dos mesmos, mas também para me desenvolver nas áreas em torno dos direitos humanos.
- 3) Depende do ponto de vista, eles recebem em algum grau assistência inicial, mas normalmente essas ações só são possíveis quando outros setores interferem. No geral, são mais ações de vacinação, cuidados básicos.
- 4) Piorou
- 5) Falta de moradia fixa, inclusão social, barreira da língua.
- 6) Sim.
- 7) Normalmente das universidades, com projetos de ensino/extensão como o Mobilang¹ e similares.
- 8) Planejamento é o maior desafio, pois na maioria das vezes o acolhimento é feito sem planejamento.

P2:

- 1) Comecei a conhecer os Warao e a participar de atividades com essa comunidade no segundo semestre de 2022.
- 2) Sou graduanda no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], onde tive a oportunidade de conhecer alguns projetos de extensão que buscam ajudar os refugiados e solicitantes de refúgio que chegam ao estado. Em 2022, conheci

1. O projeto de extensão Mobilang: mobilidade, cidadania e plurilinguismo da Pró-reitoria de Extensão (Probox) visa à realização de ações para a disseminação do acesso aos direitos sociais e linguísticos dos migrantes que se encontram na Paraíba. Disponível em: <http://plone.ufpb.br/mobilang>.

o projeto Metodologias Contemporâneas em Contabilidade, que busca desenvolver atividades que auxiliem os Warao na sua principal atividade produtiva realizada em João Pessoa, o artesanato. Conhecer as dificuldades enfrentadas por essas pessoas ao buscarem condições melhores de vida para suas famílias foi o que me fez querer ajudar por meio do voluntariado no projeto, sendo o curso de Economia Solidária Warao uma das atividades realizadas.

- 3) Eles se encontram em abrigos disponibilizados pelo poder público e recebem o apoio da Pastoral do Migrante, que consegue doações de alimentos e materiais para higiene. Em alguns casos, as famílias pedem doações nas ruas da cidade, uma atividade realizada principalmente por mulheres, que são acompanhadas por suas crianças.
- 4) Acredito que a vulnerabilidade ainda permanece, as barreiras linguísticas e culturais, além da dificuldade de realizar algumas das atividades produtivas que realizavam anteriormente em seu país de origem, tornam mais difícil o processo de adaptação e autonomia financeira. Entretanto, é possível perceber as tentativas realizadas pela comunidade para desenvolver atividades, como o artesanato. Os Warao buscam materiais que possam ser utilizados na fabricação das suas peças, cujas matérias-primas eram nativas da Venezuela. Conseguir o capital necessário para a compra desses materiais ainda é, muitas vezes, um desafio.
- 5) A barreira linguística (Warao-português), os choques culturais e a dificuldade em realizar atividades produtivas em que estão familiarizados são alguns dos principais problemas enfrentados.
- 6) A barreira linguística (Warao-português) é um dos principais desafios enfrentados. O espanhol é falado, em maioria, pelas figuras masculinas, que possuem níveis variados nesse idioma. As entidades que oferecem serviços essenciais e demais estabelecimentos não estão preparados para atendê-los em seu idioma de origem (o Warao) ou até mesmo em espanhol. O português é uma língua que muitos dos indígenas Warao não dominam, o que torna o acesso a serviços básicos e a busca pela autonomia financeira mais difícil.
- 7) Alguns projetos oferecem aulas de português para essas pessoas em situação de refúgio. Na Universidade Federal da Paraíba, o projeto Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar oferece aulas de português em formato remoto dos níveis básico, intermediário e avançado, em uma das atividades do projeto, chamada Português como Língua de Acolhimento.

- 8) A falta de preparação de profissionais qualificados em serviços públicos e privados para um melhor atendimento a essa comunidade e a incompreensão da população local que muitas vezes desconhece as necessidades dessas pessoas são alguns dos desafios a serem atenuados para que possamos integrar e acolher os que buscam no estado um novo recomeço.

P3:

- 1) Três anos.
- 2) Porque vi que podia colaborar com as necessidades que eles têm.
- 3) Sim.
- 4) Sim, com certeza.
- 5) Cultural. Estão acostumados ao âmbito rural, tinham algumas condições de subsistência, como alimentos da terra e pesca. Aqui, estão totalmente dependentes da ajuda governamental.
- 6) Sim.
- 7) Sim. Porém eles têm dificuldades em aprender.
- 8) Compreender a sua cultura e escutar as suas necessidades. Eles mesmos precisam indicar as suas necessidades, não serem submetidos a planejamentos impostos por um burocrata que não conhece os Warao.

P4:

- 1) Um ano e meio.
- 2) Por ter etnia indígena e saber das lutas e desafios enfrentados por ser minoria nesse país, ainda mais sendo refugiado. Resolvi ajudar com meus conhecimentos pois me sinto parte da comunidade também, como se fosse uma grande rede ancestral que está sempre colaborando com uma ajuda mútua, não só com as tribos desse país, mas de outros também, visto que já sofremos tanto com a perda da nossa cultura por causa da colonização e entre outros problemas.
- 3) Sim, receberam ajuda do governo por intermédio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (SEDH), e a Ação Social Arquidiocesana (ASA-PB), além de outras ONGs [organizações não governamentais] também que ajudaram no acolhimento com estadia, alimentação etc.

- 4) Acredito que piorou, visto que eles ficaram num estado de maior vulnerabilidade social e econômica, deixando de ter novas oportunidades de capacitações e sem a possibilidade de ter autonomia financeira, tendo que depender cada vez mais da ajuda do governo e dos outros.
- 5) A barreira do idioma, falta de oportunidade laboral e capacitações. Além da vegetação daqui ser diferente da vegetação da Venezuela, e eles terem que se adaptar, fazendo seus artesanatos com os materiais daqui, com sementes encontradas na Baía da Traição, e também na questão de eles não terem terras a sua disposição para cultivarem alimentos tanto para consumo próprio quanto para vender e ter um retorno financeiro. A principal queixa deles é falta de autonomia financeira, pois eles querem poder se sustentar sem ter que depender de terceiros. Acredito que falta mais capacitações para eles, como administrar o dinheiro, como vender suas peças, como criar uma conta no banco, cursos de português e como criar um currículo. Porque eles têm acesso ao SUS [Sistema Único de Saúde], aos direitos básicos e à escola, porém para os adultos faltam capacitações e acompanhamento.
- 6) Sim, visto que a maioria fala o idioma Warao e apenas as lideranças falam um *portunhol* bem difícil de entender.
- 7) Estão recebendo agora da UFPB, com projetos de extensão do DLEM [Departamento de Letras Estrangeiras Modernas/UFPB] que visam ensinar as crianças Warao o português e também o espanhol, a pedido das lideranças Warao para preservação da língua de origem do país deles. A maioria das crianças já estão nas escolas municipais e estaduais, porém têm dificuldade. Em relação aos adultos, eu não sei dizer muito bem. Acredito que as mulheres ainda não falem o português porque elas têm um papel diferente do homem na cultura deles, visto que elas lidam com a casa e a produção do artesanato, e o homem, com os negócios, sendo o chefe/líder.
- 8) A barreira do idioma. Acredito que falta uma preparação do time de acolhimento em relação a falar pelo menos o espanhol, visto que alguns deles falam e entendem esse idioma. Além da questão cultural de compreender que segundo a visão deles o homem tem determinado papel e a mulher outro na comunidade, e com isso as negociações só são feitas com os homens para os homens, se uma mulher paraibana for falar ou negociar com um Warao o indígena irá ficar *recuado* de falar com ela, mas se for um homem será mais fácil de resolver e conversar. Então acredito que essa barreira cultural acaba impedindo de se ter mais resoluções.

P5:

- 1) Um ano.
- 2) Porque coordeno um projeto para acolher e integrar refugiados e migrantes desde 2018.
- 3) Sim.
- 4) Melhorou.
- 5) Eles têm problemas financeiros, linguísticos e de adaptação cultural.
- 6) Com certeza.
- 7) Alguns, sim.
- 8) A questão financeira, a adaptação cultural e a língua.

